

“Governo agride o setor privado”

Da sucursal de
BRASÍLIA

O professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP), Adroaldo Moura da Silva, disse, ontem, que todo o processo de ajuste da economia brasileira está montado no corte real dos salários. Após encontro com o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, Moura da Silva observou que qualquer política monetária não terá efeito contra a inflação, caso o governo permita “a atual frequência dos reajustes de preços”, a curtos intervalos.

A exemplo dos salários reajustados semestralmente, o professor da USP ressaltou que o governo deve tomar a iniciativa de ampliar os intervalos entre os reajustes dos preços dos derivados de petróleo e tarifas de serviços públicos. “A inflação reflete uma sequência de reajustes. Além do choque fiscal — brutal em

1983 — houve encurtamento dos períodos de reajuste de quase todos os preços. Isso foi mais ou menos universalizado e até a caderneta de poupança passou a ter rendimento mensal. A frequência com que o reajuste ocorre provoca um impacto inflacionário autônomo” — disse Moura da Silva, ao mostrar que essa frequência aumenta o poder da indexação da economia como fator realimentador da inflação, “o que é muito grave”.

“O governo — afirmou — está literalmente agredindo o setor privado, com elevação de tarifas, dentro de uma política equivocada de reajustes mensais dos preços administrados. Essa agressão tem um impacto muito forte sobre o setor industrial.” Mesmo assim, manifestou a expectativa de que o crescimento das exportações e a possível redução das taxas de juros criem espaço para a reativação da economia e da oferta de emprego.

“GRANDE AJUSTADOR”

Na opinião de Moura da Silva, o

grande ajustador da economia brasileira “é a política salarial”. Além de reduzir a pressão inflacionária, os cortes nos salários ampliaram o poder de competição dos produtos brasileiros no mercado internacional. “O aumento das exportações cria condições para o setor industrial ter algum grau de liberdade de importações. Abre-se uma janela para que pelo menos se mantenha o nível de emprego. Nada é mais grave do que a queda do poder aquisitivo com a queda do emprego, e a pauta de importações brasileiras é uma coisa agonizante. Os insumos industriais não petrolíferos estão com volume de importações em seu ponto mais baixo” — destacou o professor da USP.

Segundo ele, o superávit comercial deste ano pode mesmo superar a nova projeção de US\$ 9 bilhões. Moura da Silva lembrou que, ao final de 1983, ninguém acreditaria em saldo de mais US\$ 2 bilhões no primeiro trimestre do ano.